



Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XII • N.º 288 • PREÇO 1\$00

ALGUNS ANOS DEPOIS

O espantoso desenvolvimento desta Obra de todos, é uma história sagrada. É da História Sagrada. Tem ali a sua origem. Tira de lá os seus elementos. Quem não conhecer as Escrituras, não

ção da própria cidade as grandes emoções do Inédito! Quem havia de dizer, outra vez, que, mesmo rente à sepultura aonde jaz o saudoso Príncipe da Igreja, se haviam de erguer cinco monumentos de

apóstolos receberam do seu Mestre e Amigo um diploma diferente. Parece ter sido, até, uma palavra bem mais pequena. Sendo que os Bispos são os legítimos continuadores dos Apóstolos, aquele *ande lá* tornou-se bastante e nunca tivemos de ninguém outras credenciais. Cá andamos.

Todo o cuidado dos *padres da rua* consiste na sua fidelidade à Igreja e por Ela a Cristo, em unidade perfeita com a Hierarquia. Na verdade, esta Obra que se chama da Rua, é uma revelação actual e oportuna do Eterno. Nós temos retirado a pedra do Sepulcro, aos olhos de muitos que tomavam Jesus por um homem morto e sepultado. Por aquilo que se vem praticando e dizendo desde o princípio, não falta quem tenha acreditado na Ressurreição e ido dizer aos outros que Cristo na verdade, ressuscitou e vive no meio de nós!

Outra coisa não são as cartas e os desabafos e as dúvidas e as polémicas e as contradições e até os falsos irmãos. Ele nas estradas, nos comboios, nos botequins, nos jornais; aonde quer que haja um homem que fale, aí o temos a falar de Cristo ressuscitado. Isto é a Obra da Rua.

Até [que Deus envie] mais obreiros, somos hoje a meia dúzia que aparece nas colunas do *famoso*, em dia do seu aniversário. Nenhum deles foi instado. Escolheram. Não pedimos nem repelimos. Aceita-se o que Deus mandar. Que sirva de exemplo a recusa a que acima nos referimos. De nada valeu!

Vê-se aqui o do Lar de Alcaer do Sal e futura Casa do Gaiato de Setúbal. O da Casa de Baire e futuro abrigo de doentes — *Calvário*. O da Casa do Tojal e Lisboa. O da Casa de Miranda e



atina nem compreende; e pode escandalizar-se.

O senhor Bispo de Coimbra, Dr. Coelho da Silva, naquele dia e num grupo de dez, ordenou um que viria a ser o primeiro *padre da rua*. Foi ele, porquanto o seu contemporâneo do Porto, a quem o mesmo se tinha antes dirigido, disse-lhe na cara que não. *E tarde*. Não era tarde nem cedo; era a hora. Mas Ele não sabia, tão pouco o repudiado. Nós não sabemos nada. As vistas de Deus Eterno acerca de cada homem, não podem ser julgadas nem apreciadas pelos homens. Quem havia de dizer que, sendo *tarde*, o mal acolhido no Porto, anos depois, havia de trazer e plantar no cora-

pedra e cal, que o tempo vai consagrar à memória do refogado! Sim, porquanto, diga-se o que se disser, cada casa do *Património* é um monumento a falar aos séculos dos *padres da rua*! Humildade e verdade são do mesmo ventre. Uma sem a outra não anda. Não era tarde, torno a dizer. Era a hora. Quando Deus chama, não vale a pena recalcitrar.

Mas voltemos a Coimbra. O senhor D. Manuel, foi o primeiro Bispo do continente a observar e tomar contacto com os primeiros passos da Obra. Rápido. Muito justo. Um bom amigo. Tudo isto eram predicados seus. Começa ele a ver e a temer. Não se manifesta. Não contradiz. Deixa correr. Deve ter percebido, pela força da sua inteligência, que a Obra incipiente tinha raízes fundas e o terreno era bom.

Morre o senhor D. Manuel. Succede-lhe o senhor D. António Antunes. Este é o segundo Bispo a tomar contacto com a Obra, um nadinha mais crescida, sim, mas ainda sem dentes. Menos exigente do que o seu antecessor, o *padre da rua* caminhava por isso mesmo mais vacilante. Havia o medo. A indecisão. Os seus caminhos eram diferentes e acima da rotina. Não via ninguém fazer assim. Seria acertado continuar? Foi neste espírito que um dia se dirige ao seu Prelado, de quem obteve por diploma um simples *ande lá*.

Não sabemos se os primeiros



Coimbra. O da Casa de Paço de Sousa e Porto. O da Casa de Ponta Delgada. Somos meia dúzia. Não há nomes. Não se sabe a terra. Não se conhece a família. *Ide*. Eis.

Se a Obra é dos homens, tudo quanto hoje aqui se diz não presta. Se de Deus, tudo quanto se tem dito, mesmo que não preste, vale. Não há fugir deste argumento.

Não queremos fechar a carta sem dizer dos bons officios e presença das *Senhoras* que voluntariamente trocaram seus lares cheios e confortáveis pelo trabalho ingrato das nossas casas. São tantas como nós. Para elas o nosso crédito. Também uma lembrança ao punhado de Rapazes afoitos, que, a seu modo e em várias terras, dão testemunho da Obra que os criou. Para estes, a nossa gratidão!

(Continua na 1.ª coluna da página seguinte)





Aqui, LISBOA!

Está a ganhar foros de cidade, entre os Estudantes Universários, o problema da habitação. Se os futuros doutores conseguem interessar-se a sério pelo assunto, muito verá quem viver mais dez anos. Creio até que vão correr risco os compêndios de metafísica, de matemática e de astronomia...

No Porto e em Coimbra o flagelo foi objecto dum dia de estudo; em Lisboa não basta um dia, e vai-se para uma semana. Lisboa acorda tarde, mas quando esfrega os olhos, é para se atirar ao trabalho. Parece-me que os Estudantes estão a acordar. Pelo menos uma coisa se conseguiu já: arranjar do dicionário (onde estava ensanwichada com vinte mil vocábulos), a palavra *Habitação*, e fazê-la correr de boca em boca.

Meus amigos: não pode haver descanso enquanto o lar não for para todos os Portugueses o ninho quente, aconchegado e acolhedor de toda a família. Para muitos homens ele está sendo apenas um pesadelo: é o acanhamento, a renda esgotante, a escuridão, a promiscuidade, a balbúrdia intolerável.

Que admirar se tantos fogem de casa?

Furnas, barracas, compartimentos estanques, têm de ser banidos para o cemitério dos arcaísmos.

Nos átrios das Faculdades há cartazes com plantas e alçados de casas para Pobres, em que se revelam os futuros engenheiros e arquitectos. — Nem tudo são devaneios! No Centro de Assistência da Curraleira, há maquetes de casas do Património, que não vão ficar só em sonho! Temos cartas de Estudantes a anunciar *massa* para três casas. — Não é só *verbal*! Temos mais cartas deles a oferecerem-se para vir, durante as férias, construir casas por suas próprias mãos!

É das estrofes dos poetas e dos tratados dos psicólogos e das observações dos educadores, a cantada generosidade da Juventude.

SE DESEJA MANDAR CONFECCIONAR TRABALHOS GRÁFICOS, CONSULTE A TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO PAÇO DE SOUSA

Alguns anos depois Continuação da página anterior

Tendo falado de todos, reservamos uma saudação aos últimos, que são aqui os primeiros. Em festa de anos, não podemos esquecê-los. São os nossos assinantes. São os que, não o sendo, compram o jornal da mão dos vendedores. Ainda os que não sendo uma coisa nem outra, só de ouvirem falar dele, começam a tomar gosto. Também es endemos aos ausentes esta nossa saudação. Seja qual for a terra aonde vivam, religião que professam, língua que falem; também estes são dos primeiros.

E por fim vem o caudal. A torrente que invade e faz chorar. São os Pobres. Por eles é o *Gaiato*. Por eles os *padres da rua*. Por eles as multidões que nos procuram, desejam e amam. Muito mais do que primeiros, os Pobres são a razão da Obra da Rua.

de. O segredo está em ministrar alimento adequado a esta mocidade ardente. Os que hoje lhe arengam sobre o luar e a primavera, o sonho ou o existencialismo, que mudem de disco e ponham na mesa da gente novo alimento mais sólido e concreto e verão como a Juventude se interessa e se alimenta e valoriza e disciplina e enobrece. Se alguma dificuldade há, é em conter-lhe depois os ímpetos.

Aos alunos do Liceu Camões se comunica que está em vias de conclusão a sua casa. Bom é que se preparem para a entrega, no fim de Março. O mesmo se diz ao Senhor da «Casa Rosa Maria», a quem Deus conserve a vida por muitos anos, pois temos promessa de tantas casas quantos os anos.

Entrtando estão a abrir-se caboucos para mais quatro, todas com padrinho. E já não conseguimos acompanhar o ritmo dos oferentes!

Durante o mês de Fevereiro chegaram mais três: a de «N.ª S.ª do Patrocínio», «Oito de Maio» e «S. Francisco». Esta veio dos lados de Belém por onde começamos, há dias, os peditórios com 3.500\$. Dizem que há por lá muitas residências novas, de gente da alta. Se assim é, desconhece-se ali o Evangelho que descobriu o Caminho da Índia e escreveu aquela página de pedra que é o Mosteiro.

Eu entendo que quem tem casa sua, dizia a admiradora de S. Francisco, tem obrigação de construir uma para os Pobres. Doutrina esta demasiado elevada para o comum dos mortais.

O padeiro do Tojal pôs à nossa disposição mil metros para três ou quatro casas e a Câmara de Loures vai ceder-nos baldios para outras tantas. Tudo valores antes desprezados e agora ao serviço dos Irmãos!

Ainda para este fim registamos a mensalidade de «Dois jovens quaisquer» que no-la enviam sempre *com grande paz e deliciosa alegria*, apesar das rudes provações que Deus lhes põe no caminho. É da experiência dos santos que Ele prova que os ama.

Um aparelho electro-cautério que honra tanto a Indústria Nacional como a Casa Paixão e Paiva que o deu. Mais outros artigos para o tratamento dos dentes; óculos da Casa Gil e quantos foram necessários para os nossos rapazes. Cem sempre certos de Arroios; 50 para a *Casa dos Engenheiros*. Outra classe chamada às armas. Da Nestlé 20; um vale de 25; 100 do Corre-Mundo que não parou em Bucelas, pelo que se confirma que o nome foi bem posto; conservas dos Cafés Reunidos; preciosos cobertores, dos Rotários; embrulhos vários e sempre benvidos, de roupa usada e calçada. Mais os costumados suínos do Alentejo, um vivo dos Quintos e outro amanhado de Montemor-o-Novo. Nem nós nem os cferentes podem já passar sem este contributo anual. Cinquenta dum trabalho ao domingo que escalia as mãos dum pobre e por isso o não quer reter; 1.665 dos Empregados da Vacuum e 60 da Rali da Casa Mourisca. Muitas assinaturas liquidadas aqui, outras

— PRESENÇA —

Presença ao mundo... — dizia duas quinzenas antes. Direi melhor: Presença, primeiro ao homem que anda no mundo; depois às coisas do mundo que afectam a vida do homem.

Foi assim no princípio, quando Deus criou o Céu e a Terra. Tudo que nela se contém foi criado antes do homem, para que ele, ao surgir, encontrasse o mundo provido de quanto lhe era preciso e agradável.

Deus pensou o homem e tudo mais o pensou para ele. Ele o centro, o senhor da criação, porque só ele imagem do último Senhor de tudo quanto existe.

Foi assim no princípio. Depois, veio o pecado. Os homens começaram a esquecer o homem. A humanidade dividiu-se, voltou-se entre si mesma; e só pensamente, tem logrado subsistir.

Hoje—sobretudo hoje!—atinge culminâncias o drama deste esquecimento.

Vivemos o tempo da técnica, do sintético. Ótimo—é tudo que se pode exprimir em números significativos de uma produção abundante por um pequeno custo. Esta a preocupação febril, a meta dos desejos dos homens.

E o homem? Pouco importa que seja atropelado nesta velocidade desvairada de um movimento sem alma. O homem não é variável do problema. Se chega a contar, é depois, depois das coisas que Deus fez para o homem. Tudo ao invés do que Deus fez e quer!

Em terra onde é grande o acampamento de provincianos que sem destino certo procuram a cidade, conheci este género de trabalho na construção civil. Cada manhã pegavam os primeiros operários que chegassem. Era inverno quando soube disto. De madrugada

da os interessados deixavam sasi barracas a caminho da obra, a tomar vez. Frio e chuva. Nenhum abrigo. Nem sequer as calorias devidas ao homem racionalmente aumentado. Depois... a sorte de não ter chegado tarde demais.

O que isto representa de desgaste! A noite, aqueles homens, ainda não sabiam se o dia seguinte lhes traria o seu pão. Guerra de nervos era a regra do seu viver. Se eles naquela condição fossem capazes de dizer o Pai Nosso, como soaria aos ouvidos de Deus aquela oração!

Pertinho daquela terra, conheci um operário de uma indústria insalubre. Conheci o queimado do trabalho, que era o seu. Pois sendo insalubre a indústria, nem sequer um chuveiro ou uma máscara preventiva de cheiros e poeiras. A instalação era antiga mas dá alguns milhares de lucro em cada ano. As condições do trabalho podiam melhorar com equipamento conveniente. Porém, o que lá está, permite alguns milhares de lucro em cada ano. Aquele operário, quando estiver queimado, terá quem precise que o substitua. E depois deste, outro. Que importa pois a instalação?

Se fosse apenas aquele construtor e este industrial... Mas não, somos nós, todos nós, incluídos de uma mentalidade que gera tais frutos. Falar em progresso, traz à nossa mente a ideia de pontes e estradas, postos e barragens, indústria e comércio prósperos. E o homem tem beneficiado na proporção daqueles progressos?

Poucos se lembram do homem. E no entanto, foi para ele que Deus quis tudo quanto fez. E Deus não muda de querer.

P.º Carlos

AGORA

O pessoal dos Serviços Médico Sociais da Federação das Caixas de Previdência, Lisboa, prestaram e vão aqui com 1.243\$60; e hão-de ir por aí fora até perfazer a dúzia que desejam oferecer. Espera-se que para então já tenha sido levantado o embargo municipal que ora existe e que se possam erguer aqui e além, votos de Lisboa na forma de casas do Património. A seguir a esta multidão de funcionários, vai aquele senhor com os 500\$00 do costume e o seu desejo expresso *de preferência em Lisboa*. Não repugna acreditar que ele veja os seus desejos realizados.

às portas das igrejas, outras no Montepio, outras no Banco. Por último mais uma riqueza a valorizar esta Casa: um bebé de três anos. Tem todos os requisitos para *príncipe*. Do pai não se pergunta; a mãe foi ante-ontem a enterrar vitimada por um cancro. Não teve quem lhe desse um caixão. Seguiu embrulhada apenas num lençol. O pequenito anda ao colo de todos. Foram destronados os anteriores. Nem Zeca nem Quim: agora é Jacinto, o príncipe-da-gran-ventura. Até estamos com receio de que venha por aí uma Senhora que pretendia perflhar um desta marca.

PADRE ADRIANO

Deixem passar o João Alexandre da estrada de Benfica, que vai em nome de seu pai. Um licenciado, e leva na mão 100\$00. Uma telha de S. Pedro do Sul de 40\$00. Um ex-Combatente de Castendo enfileira com 100\$00. Ele pede para que todos se levantem e façam em cada distrito uma casa. *Casa dos Combatentes da Grande Guerra*. Também aqui vai hoje uma saudosa de Portugal, residente em Chimoio, Beira, com uma pequenina ajuda. Alguém deixou no Lar do Porto 1.500\$00. Pela segunda vez, uma senhora da Foz entrega a segunda casa! Um *Agente da Oliva* vem com 200\$00 na mão e palavras tristes, por não ver jeitos nem sinais da *Casa da Oliva*. Eu cá não desanimo. As agências são muitas, a fábrica mui poderosa. É questão de sublinhar estas regras com um lápis encarnado e mandar aos interessados com uma roda de cumprimentos. Vai aqui Monção com 50\$00. Agora é uma licenciada de Lisboa com o dobro. Da mesma terra vai o assinante 30.397 com 500\$00. Funcionários da C. P. da Régua, deram 180\$00 em Agosto, igual soma em Setembro e 200\$00 em Outubro. Parecem arrastados, e não; são passos de gigante! Mais uma Licenciada de Carviçais com 20\$00. O Abílio da

(Continua na terceira página)

Património dos Pobres

Acabamos de expedir a cada pároco três cópias do Estatuto, onde há casas já construídas ou de-las em construção: Beja, Évora, Benavila, Viana do Alentejo, Barbacena, Arraiolos, Torres Vedras, Paço de Sousa, Galegos, S. Miguel de Paredes, Miranda do Corvo, S. Antão do Tojal, S. João da Madeira, Ribas, Vila de Paredes, Melres, Canelas, S. Domingos, Gandra, Tomar, Marinha Grande, Sinfães, Fontelas, Urgeszes, Moura, Alcanena, Trancoso, Águeda, Amarante, Braga, Eixo, Nogueira, Carvalhido, Coimbra, Barcelos, Esporões, Rãs, Parada, S. Martinho do Campo, Miragaia, Eja, Bonfim, Paranhos, Ponte de Còve, Rio Tinto, Águas Santas, Madalena, Gulpilhes, Valadares, S. Martinho do Bispo, Mirandela, Tortozendo, Castelo Branco, Portalegre, Castelo de Vide, Viana do Castelo. A expedição foi realizada pelos rapazes da tipografia. Papel, selos, envelopes, tempo, tudo isto é da nossa conta e seria um prejuízo se nós fôssemos negociantes. Porém é outro o nosso caminho e eu gosto de *perder*. Amo estes prejuízos. Foi uma grande expedição naquela tarde. Grande e preciosa.

Como já anteriormente aqui foi dito, enquanto o pároco faz seguir as três cópias devidamente assinadas e dirigidas ao Director Geral da Assistência, pede no mesmo officio para que este funcionário devolva uma autenticada e desta sorte teremos no cartório da paróquia o documento legal.

Estatuto Nacional, dizemos, que esse é justamente o carácter da obra. Tivesse ela, a obra, sido imaginada e circunscrita a uma paróquia e não tínhamos a inunção das almas. Era mais uma *obrinha*...

Quanto ao tipo das plantas, na data em que esta se escreve, ainda as não temos à mão. Lisboa ficou de mandar, sim, mas ali há o costume de ficar na cama até mais tarde, pelo que temos de ter paciência e esperar mais um nada. Uma coisa é certa e é que, tão depressa as receba como as mando. Materiais serão consoante a terra; e mesmo a forma da casa pode variar se a região assim o pedir. Siga-se a natureza e não haverá perigo de engano. Insista-se no quintal; ele é o complemento directo.

Tenho muito prazer em comunicar que o senhor Governador Civil do Porto, presidentes das Câmaras de Valongo e de Paredes mais o senhor Director da Junta Autónoma das Estradas, andaram a ver as curvas que já não servem, entre Valongo e Baltar. São alguns quilómetros de extensão por oito me-

Beira, Africa Oriental, vai aqui com 100\$00. *Sou operário maquinista de guindastes do Porto da Beira.* A quantia. O homem. A sua pobreza. O fim do donativo. Tudo isto são páginas de meditação. É da Beira. A mãe do Zé António dá 50\$00. Mais Beira. É a terceira prestação da Cruz, 1.500\$00. Nunca tanto apreciei como agora, o heroísmo dos nossos Maiores, que defenderam com unhas e dentes a posse inteira de Manica e Sofala! Não tivessem sido e não era hoje Um Maquinista, esta Cruz e mais e mais e muito mais. Honra lhes seja. Outro L. enciado de Ovar com 50\$00.

tros de largo. Removido o antigo cascalho, temos outros tantos quilómetros de construir casas. O processo da entrega, ao que ouvi, vai ser muito resumido; a Junta entrega às Câmaras e estas, por sua vez, ao Património. Foge-se desta maneira à hasta pública. Eu cá não sei de maior aproveitamento. É um quase transformar pedras em pão. Se, depois de tanta riqueza social, não aparecer nas paróquias alguém que esperte e desperte, quem é que nos desculpa? Quem, que não nos julgue? Vamos a ver.

Quanto ao subsídio de cinco deles por unidade, já saquei o montante de catorze casas, mas ainda não posso dizer aos meus leitores o resultado. Ainda não recebi. Um saque é por natureza o que há de mais simples. Basta haver dinheiro em caixa. Ora a promessa do Ministro é dinheiro.

O senhor Engenheiro Arantes e Oliveira não se deve ter apercebido da extensão e profundidade da elegante proposta de cinco contos por casa. Já hoje podia dizer, se tal fosse útil, da ansia que a

notícia foi despertar no seio de muitas terras e de muita gente. Não vamos ficar de maneira nenhuma nas cem casas. O fim do ano há-de ver muitas mais. O movimento do telefone aqui em casa, tem aumentado consideravelmente e se a televisão já fosse, seria muito interessante, além da impressão, ver também a expressão! Terras há aonde o calor abraça. Mas eu prego a calma. Pregoo o silêncio. Não digo nome. Não chamo ninguém para a rua. Se nós não, quem há-de salgar? O fermento que levanta e faz crescer a fornada, é obra de silêncio e sem ele o pão não teria sabor. Não agito. Não concito. Desejo, sim, que se façam tantas quantas, mas sem ostentação.

Atenção: aqui se torna a dizer que o Ministro dá 5 contos por casa, desde Janeiro. Do que está feito nada feito. Eu mesmo entro nesta conta e mais andei com três mil d'elles, a passar.

TRIBUNA DE COIMBRA

Há dias ouvi a voz dum chefe num acampamento francês a dizer: *pais, vigiar os vossos filhos; pais, compreendei os vossos filhos.* Fiquei espantado com o desassombro daquele homem ao pronunciar tais palavras no auge do século XX. Hoje em que a educação dos filhos anda tanto pelas ruas da amargural

Tenho escutado muitas vezes que a maior crise dos nossos tempos é precisamente a falta de educação. A maior parte dos pais preocupam-se demais em dar uma alta formação cultural aos filhos e de menos em dar-lhes uma sólida educação moral.

Ainda há bem pouco tempo eu assistia com os nossos rapazes de Coimbra a um desafio de futebol, pois que a Associação de Futebol fez o favor de nos deixar entrar gratuitamente. A meu lado estavam duas senhoras ainda novas e um pequenito de cinco a seis anos. Elas com os trajes, decotes e pinturas da moda. A certa altura a *mamã* (e não a Mãe) compra um capacete para o sol e põe-no na cabeça do *filhinho* (e não do filho). O pequenito pega nele e atira-o à cara da mãe. Ela repete e ele repete. Fazem-no terceira vez. A quarta o pequenito dá uma bofetada na mãe e ela tocando-lhe levemente, ameaça-o: *logo hei-de dizer-lo ao papá.* A seguir a *mamã* compõe-lhe o cabelo e dá-lhe um beijo e o *filhinho* passado pouco tempo, muito discretamente, tenta rasgar o véu de seda que a mãe tem na cabeça.

Primeiro duas senhoras ainda novas com todo aquele chiquismo e que deixam a sua casa e seus maridos e vão para o futebol. Depois a maneira de educar e a autoridade que aquela mãe tem sobre o filho e com certeza só terá aquele para andar à vontade...

Há pouco tempo tive a felicidade de ler uma lição que uma Professora mãe e nova dava no «Educador» sobre educação moderna. Era um grito d'alma à ju-

ventude e sobretudo à juventude feminina dos nossos tempos. As desgraças futuras que advêm da demasiada liberdade destes anos!

Onde estão hoje os pais que se preocupam em formar e fortalecer a vontade dos filhos? Aonde as mães que se atrevam a dizer que não aos caprichos dos filhos? Hoje os meninos e as meninas não se podem contrariar. *Se eles não gozam agora, que são novos, quando hão-de gozar?* E isto, como se fosse sentença de Salomão, cala muitas bocas.

Em boa hora as Autoridades proibiram a entrada de menores a certas horas e a certas festas. Foi um passo grande, sem dúvida; mas é necessário e urgente ir-se mais longe.

O que os jornais têm dito agora de certas cenas carnavalescas? De certos bailes e festas permitidas em algumas Casas do Povo?

Quem como nós tem de lidar e tratar tão de perto com tantas dezenas de rapazes, de todas as qualidades e feitios e todos os dias do ano e todas as horas do dia, não pode ficar calado e tem de bradar aos quatro ventos e levantar poeira.

Ainda há poucos dias o pai dum dos nossos chamou para África os seus três filhos que tem em Portugal: um em nossa casa e dois na Tutoria. Vi a mãe deles morta e tão mirrada como nunca vi ninguém. Quando tudo estava preparado para o embarque, vem um telegrama a comunicar que o pai estava preso. Fiquei esmagado. Antevia já o futuro risonho deste rapaz no meio da família que é sua; e nada. Ali ao lado estava ele. Logo perto estava outro que também tem o pai preso já há muito e já arrombou a cadeia. Logo a seguir outro pede-me se me quiser entregar a alguém, não me entregue a meu pai. *Ele não me quer.*

Esta é a nossa pena e o nosso tormento. O veneno já vem de

(Continua na página quatro)

O número da festa

Em vez de tinta de duas cores, profusão de fotografias e outras coisas mui lindas que Júlio me sugeriu, eu optei por uma centena de exemplares em papel *couché*, os quais ficam em depósito para oferecer aqui e ali. Assim faremos. Mas não é bem isto que se pretende. Anda aqui uma segunda intenção. Eu preciso muito de muitos para a construção do *Calvário*. Ora como neste número festejado e no meio dos *Seis*, aparece o padre do *Calvário*, propõe-se uma troca e não é preciso dizer mais nada... Visto como a obra vai ser grande e vai responder a uma grande necessidade; e como também me parece que o jornal de hoje é grande, assim espero grandezas. Tem-se visto noutras terras e noutros tempos multidões que se juntam à roda de um e assinalam seus feitos com somas de dinheiro, para que esse ou essa continuem a trabalhar. É da história. É de ontem. E se fosse hoje assim entre nós? No meio dos *Seis* está a olhar para cada um de vós o padre da casa de Beire, aonde o *Calvário* vai ser. Os exemplares da festa, ficam à vossa espera. A obra urge. Se temos chegado até aqui em triunfo, conduzidos por assinantes e leitores, não debandem agora.

Desde Agosto do ano passado que andamos na perquiza de águas, com resultados satisfatórios. O sítio já foi escolhido. A ideia é cada vez mais fixa. Não falta nada para a sua realização.

Como outrora e pelas mesmas razões, *Os Seis* de hoje, podem admirar-se do que Deus tem realizado no mundo, por meio das suas andanças. Primeiramente o rapaz da rua. Pomeira a história e fotografia do Manuel *pedreiro*. De propósito a guardamos para hoje afim de ser um número de festa. Fosse só este e era uma quase consagração. Mas eles são por aí além! Depois vêm os Desabrigados. A construção de casas para pobres, mais do que febre, é hoje uma aflicção nacional.

Já não é o indigente que se aflige por se ver sem casa. É antes o rico, que ele a não tenha tido. Mais. É o capitalista. Tem havido deles que se não importam de *perder* milhões. Vieram já dois nomes à barra com mil contos cada um, e outros hão-de vir. Que grande conquista! Oh prodígio de apostolado! Ele é tão difícil fazer bem aos ricos; e é só por esta maneira. Há igrejas aonde nos não deixam pregar e contudo é só pela Verdade que nós somos apóstolos. Finalmente vem o *Calvário*. É o fecho. É a obra da última impressão. O Diente parte bem disposto e confortado. Vai dizer

(Continua na quarta página)

Um aniversário

Com este número, «O Gaiato» vai pisar o décimo segundo ano de publicação.

Nestas etapas de aniversário, sabe bem recordar, reviver o 5 de Março de 1944 — uma nova era na vida da Obra da Rua. Até ali, algo faltava que transmitisse, perdidamente, o seu Fogo. E, por isso, eis «O Gaiato». Pequenininho ontem, como hoje. Mensajeiro de Cristo nos lares de milhares de portugueses.

Eramos criança. Usávamos calção. Vieramos de Miranda do Corvo — o berço. Ali começou a Casa do Gaiato. Limpamos teias de aranha, corremos morcegos, matamos baratas e ratos, esfregamos soalhos apodrecidos, tornamos habitável o velho casarão de Paço de Sousa, outrora convento de frades beneditinos, abrigo temporário da nossa comunidade incipiente. Entretanto, no cimo do monte, onde todo o mundo pasma de como é possível, o incrível tomava forma. Surge «O Gaiato» a acompanhar. Logo à nascença, Grande. Pai Américo não cortou as unhas e a primeira tiragem atingiu milhares. Jamais esqueceremos aquele tempo. Assim como os apóstolos, corremos mundo, saca a tiracolo, sem credenciais, nem vigilantes, nem nada que diminua personalidade e apregoamos e informamos toda a gente que em Portugal nascia uma Obra que seria a mais amada dos Portugueses. Sofremos insultos, incompreensões, maus tratos, porém esses pequeninos sofrimentos, reconhecemos, não foram infrutíferos — a esmagadora maioria acarinava e beijava-nos. No Porto houve condutores de eléctricos que nos correram a pontapé! Não tardou que ordem superior passasse «carta branca». Noutros sítios, para evitar que a tinta do jornal sujasse pasteis de crioulo, regra geral cerimoniosamente, vinha ao nosso encontro e informava que a nossa humilde presença incomodava senhoras e cavalheiros ocupados com o chá das cinco e por fim indicava o caminho da porta...

Mas, pacificamente, vencemos os mais obstinados. Vencemos o Porto. Conquistamos o coração dos tripeiros. O Porto é um caso aparte. Toda a Obra que, com Verdade, vise e realize o Amor do Próximo tem o amor do Porto. Pai Américo tem razão: — *ai Porto, Porto, quão tarde te conheci.*

E do Porto a Lisboa, a Luanda, a Lourenço Marques, a Goa, a Timor, ao Brasil, à América, foi um salto. Rapidamente Portugal da'quem e da'lém mar soube que surgiu uma nova estrela no firmamento. Esão multidões. Multidões de leitores ávidos de alimento espiritual. A tiragem sobe, sobe sem cessar. Não há mãos a medir. Ultrapassámos já os quarenta e dobrámos a esquina para os cinquenta mil. Não tarda que tenhamos de congeir maquinismos para reduzir o tempo da impressão. A maneira de fazer muito num mínimo de tempo há muito se impôs — tipografia em casa; novo ficheiro de assinantes, mais prático, mais eficiente; máquina de endereçar. O prémio, ontem de todas as oficinas da «aldeia», hoje é só para «O Gaiato». Quem havia de dizer!

Com o amor e a mesma luz que nos alumia desde Março de 1944, continuemos a difundir «O Gaiato», levando-o aos portugueses de todos os cantos do globo, para que saibam

ISTO É A CASA DO GAIATO

*** Sendo que O Gaiato faz hoje anos, queremos que seja de rosa a cor das suas notícias, por isso damos o Manuel pedreiro à estampa. Ele anda a preparar os do-



O Manuel pedreiro.

cumentos e num futuro próximo, embarcará para a província de Moçambique exercer a sua profissão, com o salário de três mil escudos. É o primeiro deste ano. Outros hão-de seguir. África é Portugal.

O Manuel Maria Dias (é este o nome do pedreiro), exposto, de ten-

ros anos era moço de cegos. Não havia amor dos cegos por ele, tão pouco ele pelos cegos. Não podia ser. Era um cargo mercantil. Aonde a mercância, falta o amor. Conheceu terras. Dormiu nas valetas. Viu calaboiços por dentro. O Manuel não brincava. Não tinha amigos. Ninguém que o chamasse pelo seu nome. Quem jamais lhe deu palavra ou comida quente?!

Um dia, apreceu-nos na Casa de Miranda. São passados doze anos. É um dos primeiros nomes dos nossos anais. Verdaderamente, não sabemos dizer quais e como foram os seus primeiros momentos. Nem deste nem de nenhum. Mas uma coisa o deve ter impressionado bem: tinha ali colegas. Da Casa de Miranda e com luzes da sua arte, transita para o Tojal. Andavam ali grandes obras, ao tempo. O rapaz sabia. Fez, até, a sua aprendizagem tal qual os filhos de família. Manhã cedo, safa de casa com a marmita e dirigia-se às obras, de mando do seu mestre. A noite regressava. Era filho.

Da Casa do Tojal, porque o trabalho era menos, foi transferido para Paço de Sousa, aonde tinha à sua conta a conservação dos dezito edifícios da aldeia. Manuel Maria tanto é colher, como pincel, como picão. Cimento, teijolo, granito, tintas — tudo. Um moço de de cegos, num mundo de cegos, ele mesmo em risco de ficar cego, salvou-se! Espera-se que não tarde em chamar para junto de si a sua namorada.

Pelas Casas do Gaiato

TOJAL Como estamos no tempo da Quaresma as nossas sessões teatrais ficaram para depois da Páscoa. Agora a substituir, temos umas projecções sobre a vida de Cristo, com sonoro.

O harmonio e o registador de som é que nunca mais vieram.

— Já há muito que não falamos da nossa Conferência.

O confrade Natalino, diz-nos que a sua pobre está doente, já há muito ou seja há dois meses, não se tem levantado e tem estado a levar injec-

Tribuna de Coimbra Continuação da terceira página

trás. Os poucos que conheceram ou que sabem quem é o pai, recebem lições destas.

Neste ambiente que mais po demos nós exigir deles?

Padre Horácio

VIAGENS

O Júlio trouxe-me hoje as provas da décima segunda folha. É assim: o rapaz vai buscar uma cadeira. Estende os linguados de papel sobre a mesa de trabalho. Começamos a viagem. Nós ambos estamos em todas as letras do livro. Tudo quanto ali se diz trespassa e dá vida. É uma hora espumante.

Ficámos na Beira. Temos ainda a derrota até à ilha de Moçambique, o regresso a Joanesburgo, o vôo até Luanda e dali dois dias a Lisboa, aonde não chegaremos antes da décima quinta folha. Nunca tal saiu dos nossos prelos!

bam que em Portugal o Evangelho não é letra morta. Assim, conquistamos o Mundo e aliviámos o sofrimento imerecido dos Pobres.

Júlio Mendes

ções. Muito respeitosamente agradecemos ao Sr. Dr. de Bucelas, que a vai tratar e pelo auxílio em injecções caras que tem lhe dado. Temos pobres que necessitam de roupa para a cama. No leito de uma, perto da nossa Casa, fazia de lençois e cobertor, umas sacas de scrapilheira já carcomida pela traça.

— O Diogo continua no campo a reparar o mal que fez. Quando ele disse, pelo que fez, que não queria continuar no belo em prego que tinha, onde estava a ganhar quatrocentos escudos, o Pedro foi buscá-lo e comprou logo uma enxada para ele. O castigo que lhe foi dado, foi ser rapado e ir trabalhar para a quinta, até que a enxada se gaste. Ainda tem muito que roer. Mas, vá lá, tem-se portado bem.

Joaquim A. Gouveia Marques

MIRANDA DO CORVO Realizou-se no dia 20 no nosso salão de festas, mais uma sessão de teatro, a qual decorreu no meio da maior alegria e bem estar. O salão estava completamente cheio, não só da gente deste lugar mas também dos lugares à volta. Representaram-se as seguintes comédias: *Diabo à solta*, *Dois mortos vivos* e *Ai o safado*, esta em repetição pois já a tínhamos representado pelo Natal. Recitaram-se poesias e houve um diálogo muito bem interpretado pelo Joaquim e pelo João, ambos do Lar de Coimbra. De todas a que mais fez vibrar o público, foi sem dúvida alguma os «Dois mortos vivos», que diga-se em abono da verdade podia ter saído melhor.

— Estes dias aqui o frio tem sido intensíssimo. A serra da Lousã que daqui se avista em grande parte está quase toda coberta de neve, mais parecendo um lençol alvíssimo do que uma serra cheia de pinhais e mato. Os mais pequenos vão-se arranjando, porque pelo Natal quase todos tiveram um sobretudo e as senhoras sempre têm mais do deles e lá os chegam ao fogão e lhes dão umas coisas melhores. Mas de nós, os maiores, já ninguém tem pena. Por isso pedia aos leitores para ver se se condoiam de nós e nos mandam alguns sobretudo que por aí tenham a mais.

— O João Martelo que anda a aprender para alfaiate, já está quase mestre, mas falta-lhe a máquina. Se algum leitor lhe quiser fazer o favor de mandar alguma, ele ficaria muito agradecido. A Casa também ficaria muito agradecida pois já não era preciso o alfaiate andar sempre cá em casa.

Já agora que estou em maré de pedir, queria lembrar também aos amigos leitores, que se por aí tivessem alguns pneus velhos no-lo enviassem dois. Já não temos nenhuns e com este frio é impossível andar descalço. Nós cá ficamos esperando e saber esperar é já uma grande virtude.

José Roque Crisanto

DIA DE ANOS

Entra com o presente número, o Famoso, no seu décimo segundo ano de publicação ininterrupta.

Um dia de anos é sempre um dia de festa e pena é que não nos seja possível fazer um número maior e de facto mais novo, como fazem os mais, mas é-nos, graças a Deus, impossível, devido à acumulação de trabalhos a executar nas nossas oficinas gráficas.

Eu muito gostava de saber para dizer coisas grandes, cantar um hino ao «Melhor do Mundo», como quase toda a gente, perante o nosso íntimo contentamento, lhe chama, pois ele é a nossa alegria, a nossa vida, o nosso ser. É ele que leva aos quatro cantos do mundo, as nossas alegrias e tristezas: faz, por mando do Rei Supremo, lume dentro das almas de quem tem a felicidade de o devorar.

É por isso, e já falta tão pouquinho, que desejamos atingir a casa dos cinquenta mil, sessenta e por aí fora, que é o mesmo que trazer para a luz todos os nossos irmãos, que, como os morcegos vegetam nas trevas.

Tenho a firme convicção que atingiremos o fim em vista, pois todos os nossos leitores que são os verdadeiros amigos vão tomar parte nesta nobre missão.

Vamos, amigos, ajudem-nos para que o nosso ideal esteja cada vez mais espalhado. Precisamos pelo menos de erguer em cada Província, uma casa do Gaiato, que é o mesmo que erguer uma cruz, que marca a presença do Deus Omnipotente: sem a vossa ajuda nada.

Todos nós estamos contentes com os onze anos de luta do nosso Gaiato, e à medida que eles forem passando, ainda mais batalhador, mais forte, mais nável ele ficará. Basta, pedoem-nos a imodéstia da afirmação, dizer que é o jornal mais independente e de alicerces mais sólidos da imprensa nacional.

Entrou de pequenino para a escola, mostrou-se um aluno muito dedicado, hoje é o professor do seu professor e é daí que vem a nossa maior alegria. Ainda é novo na universidade, mas vai acontecer o mesmo que na escola secundária.

Não podíamos deixar de saudar a todos os nossos colegas de imprensa; grande e pequena; todas as escolas e seus professores; irmãos que se encontram espalhados pelas Áfricas, América e Brasil; todos os centros comerciais, desejando os que já o não são, se façam assinantes e propagandistas, contribuindo, assim, para a campanha de um mundo melhor; a todos os assinantes que pagam adiantadamente; a todos os «caloteiros», que mal vejam isto se façam bravos, para ficarem à frente dos outros.

E por último, fizemos ponto final, para pedirmos ao Governo uma mãozinha, para amanhã sermos os grandes colonizadores das nossas Áfricas, tornando-as mais portuguesas.

Estou certo que não devo andar muito longe, pois eu sei que o Governo precisa da gente.

Pedimos a confiança de todos, pois O Gaiato continuará a ser o Arauto da Verdade, do Bem, do Amor.

O que todos devem, e esta é a mais preciosa é pagar a sua assinatura interior, para que todos os nossos irmãos não descarrilem, para serem amanhã as raízes da sociedade, que tanto precisa de vontades fortes e decididas.

Sem isto ficamos desfalcados e o tombo é imediato.

O que nós sinceramente desejamos é que haja festa nas almas e alegria nos corações, convidando-os todos ao sofrimento, por amor dos irmãos que espalhados, por esse mundo além, não têm quem lhes dê uma palavra amiga.

Pedimos, como não podia deixar de ser, por todas as almas que estão sobre o domínio da chaga que inunda o mundo actual — o comunismo, que com garras suíças os tenta arredar do verdadeiro Mestre.

Peço desculpa se fui exigente demais, mas também é preciso lembrar que sem a colaboração de todos não há a força suficiente para se poder cantar vitória.

Por último, agradecemos aos passarinhos, que com suas alegres árias nos ajudam no trabalho de cada dia, nos dão alento para a luta, querendo assim, que compartilhemos da sua alegria!

Bendito seja Deus e suas obras. Muita saúde e Bençãos do Céu, vos deseja, em nome de todos os seus irmãos, o

Daniel Borges da Silva

O número da festa Continuação da terceira página

bem dos que ficam. Não há ninguém que seja capaz de realizar a sangue frio o aumento e capacidade desta Obra. Não é a nossa inteligência. Não são os nossos olhos. Só o lume do Céu. É só por ele que vemos e apreciamos a sua profundidade. *In lumen tum videbimus lumen.*